

MENDES PINTO, CAMÕES & MACHADO - ANOTAÇÕES DE BORDO

Vilma Arêas (UNICAMP)

"...daqui por diante corre a terra da China, que é um processo quase infinito falar nela..."

Fernão Mendes Pinto

Gosto do argumento desenvolvido por Borges em "La Supersticiosa Ética Del Lector"¹ sobre a perenidade, ou não, das obras literárias: a "página perfeita", regulada por delicadíssimos valores, a que não suporta a menor alteração, seria a mais precária, segundo ele. Inversamente, a que tem vocação de imortalidade atravessa incólume o fogo das erratas, as incompreensões, as leituras distraídas... El Quijote serviria como exemplo desta última.

Até certo ponto, a Peregrinação, de Fernão Mendes Pinto, atravessa também a prova de fogo.

Escrita no auge dos conflitos político-religiosos, de que a Inquisição e a Contra-Reforma são o testemunho, até hoje suscita discussões, interpretações várias, ao lado da lenda que envolve a figura de seu autor. Está viva, portanto, embora rodeada de interrogações por todos os lados.

Por exemplo, por que foi apenas publicada 31 anos após a morte de Mendes Pinto, ocorrida em 1583, se a partir de 1569 já havia expectativas a seu respeito? Deveu-se isso exclusivamente à ação da censura que, como sabemos, a partir de 1551 foi liderada por Portugal, entre os países católicos? O texto que nos chegou é fiel ao manuscrito original ou, ao contrário, foi censurado, mutilado, alterado substancialmente?²

Quanto ao homem, também se acumulam as dúvidas, seja a respeito de sua origem judaica, seja aos motivos de sua conversão repentina à Cia de Jesus em 1554, arrancando dos dedos preciosos anéis e enfiando-os nos dedinhos de um Menino Jesus ao colo de Nossa Senhora.

Por malícia, escolho um argumento, o de Rodrigues Lapa:

"... há o que quer que seja de 'judaico' no temperamento de Pinto: sensibilidade e imaginação vivas, cupidez, elogio do dinheiro e da dissimulação, pusilanimidade, desinteresse nacionalista e uma certa humildade untuosa, que soa a falso".³

Sic!

Modernamente, a partir da leitura de cartas de nosso autor, Fiana Hasse Pais Brandão⁴ se pergunta sobre os amores orientais (metafóricos ou não) de Mendes Pinto, à serrelhança da alegórica mulher do Cântico dos Cânticos, ou da Bárbara cativa das larentosas endechas camonianas.

Em relação à obra, uma vez publicada, interrogou-se se se tratava de um relato verdadeiro, à serrelhança da literatura de viagens, espécie "sui generis" gerada pelos Descobrimientos e inspirada pelo contato com novas civilizações.⁵

Fernão, Mentes? Minto. - foi a resposta dada, num certo momento.

Ao contrário desta, a total credulidade ao texto, buscando-se nas afirmações do narrador pontos de apoio para a composição de uma biografia do autor, foi também uma atitude comum até recentemente, quando novas pesquisas provaram sua precariedade.

Segundo cartas de Fernão Mendes Pinto e documentos jesuíticos encontrados por orientalistas e historiadores das fontes japonesas, sabemos que o autor da Peregrinação foi considerado entre seus compatriotas um homem afortunado, possuidor de qualidades raras de liderança, empreendedor, ousado e atrevido, tendo sido embaixador de sucesso em várias ocasiões, o que não exclui aventuras e adversidades vividas.⁶ Figura, portanto, muito distante do homogeneo "pobre de mim" que nos conta suas peregrinações durante 21 anos por terras orientais. Quando retorna a Portugal depois disso, já é um homem célebre, pois a famosa carta que escrevera de Malaca em 1554, fora extensamente divulgada em toda a Europa. Sumidades como João de Barros ou o Pe. Maffei o consultam como perito em assuntos orientais.

Hoje sabemos que os aspectos melhor documentados da vida do autor, revelados nas cartas, estão ausentes da obra; nesta existem, além disso, incongruências, cronologia impossível⁷, afirmações duvidosas (como a que aponta Fernão Mendes presente na primeira expedição ao Japão), exageros e invenções, ao lado de fatos históricos e verificáveis.

Também aqui os críticos se dividem, entre considerar a Peregrinação história, ou romance.

Le Gentil⁸ é taxativo: "on lui parle histoire il répond roman"; enquanto Gilberto Freire⁹ não acha na obra quase nenhuma inverdade essencial.

Um dado curioso, é que a edição de 1937 do Roget's Thesaurus, até a de 1945, insere "Fernão Mendes Pinto" como sinônimo das palavras "deceiver, liar, storyteller, as in lion's skin"¹⁰, o que nos diz antes do prestígio do livro do que da problemática discussão da verdade.

O êxito da Peregrinação foi, de fato, enorme, pois o livro fez as vezes do nosso moderno jornal, dando notícias de primeira mão sobre o misterioso Oriente.

Só no século XVII a Peregrinação teve um total de 19 edições em 6 línguas: duas em português, sete em espanhol, três em francês, duas em holandês, duas em alemão e três em inglês. Sem dúvida a maioria instruída da Europa tinha lido a obra antes de 1700, rivalizando sua popularidade com a do Quijote, publicado em 1604, a 1a. parte, e em 1615, a 2a.

O leitor contemporâneo talvez se surpreenda com esses números, a respeito de um texto de filiação estética problemática e construção atropelada.

"A Peregrinação tem afinidades literárias com os profetas bíblicos da Antigüidade que anteviram o reino de Deus na Terra, com as viagens imaginárias dos tempos clássicos, com as peças teatrais chamadas moralidades (morality plays) da Idade Média, com as crônicas dos Descobrimentos e com a literatura utopista do Renascimento".¹¹

O juízo acima é coroado com a interpretação da autora a respeito da tese central do livro: obra de filosofia moral e religiosa, desenrolando-se ao ritmo de pecado versus castigo, e composta sob o molde variável da sátira. As Viagens de Gulliver, de Jonathan Swift, têm com ela afinidades especiais, mas em seu horizonte cabem também Cervantes e Rsbelais, os dois maiores mestres da invectiva satírica.

O ponto fundamental da leitura crítica da autora, sem dúvida se inspira na interpretação de Collis¹² que, embora sabiamente não tentando amarrar toda a significação do livro, "demasiado enigmático", interpreta-o como uma alegoria à semelhança de The Pilgrim's Progress, de John Bunyan. Catz argumenta que os erros, discrepâncias e ambigüidades da obra não foram absorvidas pela leitura de Collis, porque este - como outros anteriormente - "não reconhece a sutil duplicidade característica da arte do satirista".¹³

Outra obra inspiradora da especialista de Fernão Mendes é a de António José Saraiva¹⁴, de imenso significado crítico, a primeira que se arrisca concretamente na floresta do texto, propondo-lhe uma estrutura.

Ao objetivo deste artigo escapa atravessar a fortuna crítica da Peregrinação, mas faríamos, em relação a ela, duas observações.

A primeira diz respeito ao ponto defendido por alguns, de que apenas Fernão Mendes Pinto teria posto em dúvida a moralidade das conquistas ultramarinas, na aurora do imperialismo europeu. Ao contrário, os exemplos denunciadores são numerosos. O Auto da Índia, de Gil Vicente, aí está¹⁵, a História Trágico-Marítima, O Cancioneiro Geral de Garcia de Resende¹⁶; aí está Diogo do Couto ("...fomos danar terra tão maravilhosa com nossas mentiras, falsidades, burlas, trapanças, cobiças, injustiças e outros vícios que calo"¹⁷; aí está Camões, não apenas em peças avulsas, mas em Os Lusíadas, para não falarmos em Azurara, Damião de Góis e no próprio infante D. João, irmão mais novo de D. Henrique.

Podemos nos deter um pouco na epopéia portuguesa, na medida mesmo em que a Peregrinação é frequentemente colocada como pendant anti-épico, compondo, com o poema camoniano, a imagem dividida do homem ocidental a partir de um certo momento. D. Quijote e Sancho Panza seriam a expressão imortal dessa divisão. De igual modo, Os Lusíadas e a Peregrinação, o cavaleiro e o pícaro.

As coisas podem se passar assim, mas a relação dos pares não é fixa ou indiscutivelmente límpida.

Por exemplo, deixando de lado a louvação da pátria contida na epopéia, que se prestou a imensa manipulação¹⁸ e também à leitura esotérica do poema¹⁹, que desdobra outros campos de entendimento e sugestões de leitura, lá estão em Os Lusíadas a denúncia da pirataria nas partes do Oriente, o julgamento político da pátria, as admoestações e conselhos a D. Sebastião. (O espírito dessas últimas passagens ecoa exemplarmente, em Fernão Mendes,²⁰ no episódio da guerra entre o jovem rei de Derrá, malévolo e capaz de arriscar todo o reino, e o também jovem rei de Passarvão, que ouve o parecer dos mais velhos e prudentes - Peregrinação, capítulo 173. O final do episódio, no capítulo 178, contém as seguintes palavras, dir-se-iam tiradas de um conto moral:

"E este foi o fim que teve o mau conselho
de um rei moço, criado entre mancebos, e
governado por sua vontade, sem ter quem
lha contradissesse").

À parte ser concebida como uma utopia crítica - como, até certo ponto a Peregrinação -, a epopéia portuguesa está longe de ser um poema inteiriço ou categórico. Ao contrário, o texto se desenrola segundo um fio sinuoso e arbuíquo, que muitas vezes se quebra e muitas vezes é difícil de seguir.

Em outro trabalho²¹ examinei o progressivo deslizar do narrador, separando-se de sua gente gloriosa, e habitando como Baco, o vilão da história, as regiões do frio e do esquecimento. Ora, essa mudança de lugar de onde ecoa a voz épica, tornam arbuíquo a crítica e o louvor, a voz que denuncia e a voz que celebra, o disfarce e o rosto verdadeiro, entendido como o do cristão.

Essa mesma dificuldade sentiu Faria e Sousa ao comentar a célebre estrofe 46 do canto VIII, tentando afastar suspeitas de que Camões também acreditava, como o gentio, em leituras mágicas.²²

O episódio segue-se ao final da descrição que Vasco da Gama faz ao Cautal da linhagem gloriosa de Portugal. Mais contaria ele, diz-nos o narrador, se os pintores pudessem prosseguir com seu trabalho...

"Outros muitos verias, que os pintores
Aqui também por certo pintariam;
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores,

Honra, prêmio, favor, que as artes criam;
Culpa dos viciosos sucessores,
Que degeneram certo e se desviam
Do lustre e do valor dos seus passados,
Em gosto e vaidades atolados"

(VIII-39)

Mas anoitece, a "alarpada grande" se esconde e os arúspices lêem os sinais" desta gente estranha/Que às suas terras vem da ignota Espanha". (VIII-45)

Segue-se a passagem perigosa.

"Sinal lhe mostra o Demo, verdadeiro,
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpétuo, eterno cativo,
Destruição de gente e de valia.
Vai-se espantado o atônito agoureiro
Dizer ao Rei - segundo o que entendia -
Os sinais temerosos que alcançara
Nas entranhas das vítimas que olhara".

(VIII-46)

Após novas tramas de Baco, segue-se um concílio dos principais da terra, quando Camões aproveita para discorrer sobre o valor dos conselheiros reais, com endereço certo a D. Sebastião. O Catual decide falar a Vasco da Gama, afirmando estar bem informado de que o navegante não tem rei nem pátria amada, "mas vagabundo vais passando a vida". (VIII, 61) Em suma, não pode confiar nas palavras" de um vago navegante". Mas mostra-se compreensivo com a adversidade dos homens, exigindo palavras verdadeiras:

"Se por ventura vindes desterrados,
Como já foram homens de alta sorte,
Em meu Reino sereis agasalhados,
Que toda a terra é pátria para o forte;
Ou se piratas sois ao mar usados,
Dizei-mo sem temor de infâmia ou morte,
Que por se sustentar em toda idade
Tudo faz a vital necessidade".

(VIII-63)

Uma dúvida, entretanto, permanece: por que viriam de tão longe "cometer com naus e frotas / Tão incertas viagens e remotas?"

Esse argumento encontramos em várias passagens da Peregrinação, como, por exemplo, no capítulo 122:

"Conquistar esta gente terra tão distante da sua pátria, dá claramente a entender que deve haver entre eles muita cobiça e pouca justiça..."

Fernão Mendes Pinto não estava, pois, sozinho, em sua crítica a Portugal.

A segunda observação diz respeito à discussão de gênero que a Peregrinação suscita e a pretensão à verdade.

Talvez possamos dizer que os vários juízos que tentam (tentaram) dar conta do gênero da Peregrinação estão corretos, pois o livro é composto de uma longa e vária narrativa, abarcando variados gêneros: aí estão a sátira, a picaresca, o exotismo crítico, o romance de formação, a paródia (quando imita a estrutura da frase oriental), o romance de aventuras, chegando ao limite da fusão do significado, quando repete a falta de sentido de uma linguagem estrangeira.

"... ele tomou tudo com grande alvoroço e disse:
"pur pacam pochylilaca hunangue doreu" - as quais
palavras também não se entenderam".

(capítulo 73)

O movimento sugerido é desnorteante, o acúmulo de detalhes descritivos atravança a frase que, não obstante, possui uma curiosa mobilidade, como se acompanhasse os sacolejos e labirintos da viagem. Quase podemos atribuir a essa escrita a descrição que Fernão Mendes faz do cenário, na famosa carta escrita em Goa, em 1554:

"... daqui por diante corre a terra da China, que é um processo quase infinito falar nela..."

Pois bem, apesar da impressão de infinitude criada pelo texto, tentaremos nos aproximar dele.

Rebecca Katz, especialista da obra, resolve sua composição aproximando-a, de um lado, à estrutura fragmentária e livre da crônica, gênero popular da época; de outro, à sátira, cuja cena é sempre desordenada e grotesca, pouco atenta às exigências de um plot bem arrastado. Ao contrário, pula de um assunto para outro. A isso junta-se o recorte do discurso moral, acenando com a punição aos desmandos dos conquistadores. Seria também da responsabilidade da sátira o surgimento da persona, personagem fictícia ou identidade assumida pelo narrador em algumas passagens (principalmente nos episódios referentes ao pirata António de Faria e seu bando) e interpretada como heterônimo por António José Saraiva.²³

Se podemos aceitar como procedentes tais leituras, a elas faremos alguns reparos ou acréscimos.

Comparando a prosa de Fernão Mendes Pinto com seus contemporâneos espanhóis ou franceses (pensamos no Lazarillo, Cervantes ou Rabelais), ficamos impressionados com a diferença do acabamento da frase, da flexibilidade, agilidade e vigor do texto dos "estrangeiros". Estes sem dúvida fazem o que querem da língua que utilizam, enquanto Fernão Mendes Pinto parece possuir mesmo "uma rude e tosca escritura", conforme suas próprias palavras no capítulo primeiro da Peregrinação.

Será uma frase, de um lado embaraçada nos fios soltos da narrativa oral, de outro colada à prosa de enfiada, um tanto rígida, dos cronistas portugueses dos séculos XV e XVI.

Leite de Vasconcelos²⁴ chega a justificar tal diferença de desempenho literário pela tardia entrada de Portugal na vida histórica, ocupado que ficara, por 3 séculos, na consolidação da autonomia política, em luta com os Árabes, com Castela, e mergulhado em guerras intestinas.

Certo descosido, a monótona construção aditiva passam pela estrutura das crônicas e da História Trágico-Marítima, da qual retoma também a marcação dos naufrágios. Estes, na Peregrinação, podem ser lidos alegoricamente, sem dúvida, mas não podemos nos esquecer da transformação das naus portuguesas, em detrimento de sua segurança, para atenderem ao máximo todas as possibilidades de lucro: o bojo das naus alargou-se e cresceu em altura com fins de aumentar a capacidade de carga.

"Alteradas as características dos navios, perdiam estes as excelentes qualidades náuticas que tinham permitido aos portugueses afrontar as tempestades do Índico e a temerosa passagem do Cabo (...) Desde então a carreira da Índia começou a transformar-se em insaciável sorvedouro de vidas e de fazendas - que nela se jogavam como num jogo de azar... Desde meados do séc. XVI o número de naufrágios aumentou".²⁵

No entanto, uma leitura mais atenta perceberá certa crispação na construção sempre igual da receita da crônica. Por exemplo, já no primeiro capítulo, dois procedimentos dão uma nova torção à frase: o destruir ou abrandar um argumento anteriormente colocado, virando-o pelo avesso ("por um lado e por outro" são pontos de apoio do texto) e a presença até excessiva do discurso modalizante ("talvez", "acho que", "parece-me") que aponta para uma apreciação sobre o valor de verdade do discurso, isto é, sobre a relação entre o discurso e sua referência. Se juntarmos a isso, de um lado, excessos, de outro, buracos, chegaremos fatalmente à conclusão de que a frase de Mendes Pinto, embora "tosca", possui uma esperteza toda especial, controlada pela intenção do autor. Por exemplo, no saque aos templos sagrados da ilha de Calemply,²⁶ descrita nos capítulos 75 e seguintes, a narrativa é direta, objetiva, não se embaraçando nos retardadores de costume. O spotlight da ação ilumina principalmente Antônio de Faria, o pirata, resvalando o narrador para a esfera de sombra do discurso. Este possui um direito (ações torpes do bando liderado pelo pirata) e um avesso (a inversão do registro heróico das navegações, a crítica aos cristãos, que oram an-

tes das pilhagens, etc). Em nenhum momento, portanto, poderos apostar na ingenuidade da escrita de Fernão Mendes, que ora ilumina, ora apaga seu narrador, ora avança, ora se extravai nos incontáveis atalhos da caminhada.²⁷

Detenho-me antes de chamar a essa escrita "história" ou "ficção". Movendo-se na esfera da imitação baixa da sátira, comédia, farsa ou picaresca, a Peregrinação estrutura-se ao redor dos pontos referenciais da narrativa arcaica, conforme compreendida por W. Benjamin²⁸: aí está um dos protótipos dos narradores antigos (o viajante ou marinheiro), que possui a sabedoria adquirida com a experiência, o intuito de transmiti-la às novas gerações para que também saibam, de onde deriva seu aspecto utilitário, e a retomada do movimento largo das narrativas orais (os sucessivos encaixes de assuntos diferentes é também uma das características do discurso oriental).

De um lado, essa narrativa está fortemente comprometida com a verdade. Desta vez, a maneira segundo a qual a Peregrinação se organiza leva em consideração um dos aspectos fundamentais da ideologia dos Descobrimientos, que é justamente sua duplicidade, sua obediência exterior à ortodoxia do tempo. Fernão Mendes critica-a através também do máximo de duplicidade, num hábil mimetismo dos impasses das contradições sociais²⁹. Por isso a Peregrinação também é "arte", ficção, definindo-se em relação à sociedade por essa tensão formal, e não pela justaposição simples dos fatos objetivos.

A exigência da verdade-conferida-passo-a-passo ao longo desse texto perturbador deve-se à confusão dessa fidelidade formal (em que entram também as irresoluções) com a mera informação, em seus aspectos de possibilidade de verificação imediata ou de relato plausível³⁰, o que denuncia, aí sim, um anacronismo de leitura, hoje, da Peregrinação, ou ainda, uma impossibilidade de leitura realista da obra. (Ela pode assemelhar-se em intenção, se quiserem, mas decididamente não é um jornal conterporâneo).

Não deixa de ser curioso que, 3 séculos depois, um autor brasileiro, Machado de Assis, tenha lido a Peregrinação de uma maneira surpreendentemente justa.

Embora haja, na obra de nosso ficcionista, contaminações irônicas ou gaiatas com as narrativas exóticas (o faroso delírio, em Brás Cubas, o "Conto Alexandrino", etc) é em "O Segredo do Bonzo", contido em Papéis Avulsos, que a utilização da Peregrinação é exposta da maneira mais clara e honesta.

Nas Notas apenas ao volume, Machado explicita sua intenção: não se trata da simples pastiche, nem imitação com a finalidade de provar forças, "trabalho que, se fosse só isso, teria bem pouco valor"³¹. A utilização de Mendes Pinto visa a dar "possível realidade à invenção" - e para isso faz-se fundamental colocá-la distante no espaço e no tempo - e, ao mesmo tempo, "tornar a narração sincera", objetivo conseguido ao atribuí-la a um viajante, escritor que tantas maravilhas disse".

Deveros nos deter nessa curta explicação aparentemente simples, mas que revela uma maturação conseqüente de problemas literários, seu lugar na sociedade, suas questões formais.

De saída, a noção de que fazer literatura significa um trabalho de valor e que esse valor se mede, não pelo prestígio perseguido (o ter de medir forças, como se se tratasse de uma competição), e sim pela reflexão a respeito da tradição literária, de seu passado. É esse o "segredo" que nos sussuram, os antigos autores e que, às vezes, resolve os impasses da composição.

Em seguida, Machado confessa a necessidade de dar "possível realidade à invenção" e torná-la "sincera". Isso se resolve, de maneira aparentemente paradoxal, ao tomar dela distância e ao atribuí-la a outro, ao viajante, ao escritor das maravilhas. Mas o paradoxo é só aparente, pois, fiel à intenção última do relato, que é a da denúncia da hipocrisia (como a Peregrinação), Machado afirma o valor social da ficção, num gesto apaixonado (mas também brincalhão), atirando-a para o compasso daquele tempo (*illo tempore*), com sua medida exemplar, seu peso de experiência, sua marca, tecida de verdade e de maravilhas - a verdade da intenção de interferência, a maravilha de talvez conseguí-lo através de seus próprios meios.

A fantástica máquina de Borges parece jamais interromper o próprio trepidar: aqui, Machado é autor de um capítulo da Peregrinação (intercalado entre os capítulos 213 e 214, diz-nos ele com simplicidade) da mesma forma que Mendes Pinto também é o autor de um conto de Papéis Avulsos, na medida em que foi o exímio inventor, assim parece sugerir o texto, de uma forma maliciosa e hipócrita para denunciar a malícia e a hipocrisia.

O episódio "encorpidado" por Machado passa-se no Japão, e trata da disputa entre o Pe. Francisco Xavier e os Bonzos, sacerdotes budistas invejosos dos favores reais dispensados ao sacerdote cristão.

O teor da disputa teológica já foi bastante examinado pelos estudiosos da Peregrinação. A mim interessa destacar a retórica de Mendes Pinto - baseada aqui num confessado não dizer, ou calar - que solapa as afirmações explícitas do texto de que o padre católico levava a melhor na discussão. Nesta, por exemplo, os argumentos dos Bonzos nos são inteiramente narrados no texto, enquanto que a resposta do padre é omitida, coberta com as palavras do narrador, que se faz passar por bobo ou esquecido.

"O padre, respondendo-lhe a este seu falso argumento, lho desfez por três vezes, com palavras e razões tão claras e evidentes, e por comparações tão próprias e naturais que o bonzo ficou confuso, as quais aqui não ponho para excusar prolixidade, mas principalmente por que não cabem no estreito vaso do meu engenho".

(vol. II, p. 874) - grifos meus -

O processo se mantém durante o tempo da disputa, com variantes. Por exemplo, à segunda pergunta colocada "respondeu também o padre com razões tão claras e tão vivas (as quais também não cabem na minha alçada) que el-rei ficou muito satisfeito". (II, p. 874)

Encontra a saturação, aqui, um processo, no entanto utilizado por Mendes Pinto durante toda a obra, qual seja, o de suspender o fio da narrativa abruptamente, justificando-se, ou por tener a prolixidade (num texto absolutamente prolixo!), ou por não querer encher o papel "com que dêem mais fastio que gosto (cap. 105), ou por desejar tratar do assunto "com a maior brevidade que puder" (cap. 165), e assim por diante.

Um outro aspecto, esse mais perigoso, consiste no fato de algumas das questões postas pelos budistas serem, sem dúvida, questões erasmistas (a crítica às indulgências, por exemplo) ou facilmente consideradas heréticas, no século XVI (por que Deus, em sua onisciência, não adivinhara o mal causado por Lúcifer?, por que demorara tanto a enviar Cristo a redimir a humanidade?, etc).

Entretanto, Machado vai se deter em outro aspecto, deixando esses de lado, pois percebe que toda a disputa, aparentemente religiosa, na verdade consistia numa luta pelo prestígio social e favores reais. Aliás, Fernão Mendes Pinto fornece o gancho, fazendo com que os bonzos claramente denunciasssem o aspecto interesseiro dos cristãos junto ao trono japonês.

Em Machado, o segredo que a 3 pilantras confia o bonzo Porrada ("nome local do charlatão", explica-nos o autor) pode ser resumido na reflexão seguinte:

"...se uma coisa pode existir na opinião, sem existir na realidade, e existir na realidade, sem existir na opinião, a conclusão é que das duas existências paralelas a única necessária é a de opinião, não a da realidade".

Agindo segundo tal máxima e movidos pela arbição do lucro e do louvor ("que é outra e melhor espécie de moeda...") os três enriquecem e ficam célebres, quer usando da propaganda, quer manipulando a credence do povo (batizada de "idealidade transcendental").

De maneira absolutamente pertinente (e brincalhona) o texto machadiano imita os cacoetes e espertezas da prosa de Fernão Mendes: vocábulos arcaicos, certo estirado da frase e o recurso de sustentar a voz no momento melhor da confidência.

O conto pode ser interpretado, sem dúvida, na linha do conte philosophique do século XVIII e relacionado com outros textos de Machado, como "O Espelho", que recoloca as teorias tradicionais relacionando "máscara" e "interioridade"³², a "Teoria do Medalhão", o "Conto Alexandrino", entre outros.

Mas, retornando a Peregrinação, Machado de Assis vai além da homenagem a esse texto ímpar, pois fora da esfera delicada da literatura, aponta as raízes peninsulares de um dos traços de nosso rosto, que pode bem ser o "nariz metafísico" de "O Segredo do Bonzo".

"... neste país onde se adora a mirabolância e o espetáculo, o charlatanesco e o fumoso, a incoordenação e a retórica, desprezando-se o inteligente, o construtivo, o vertebrado, o sólido".

António Sérgio³³ fala de nós? Não, fala de seus patrícios, os portugueses.

NOTAS

1. in Discusión, p. 45-50.
2. As opiniões dividem-se. É correto, entretanto, admitir-se que as traduções europeias tenham sido feitas a partir da tradução do espanhol Herrera Maldonado, que alterou o texto, pelo menos do ponto de vista do "estilo". Rebecca Catz (A Sátira Social de Fernão Mendes Pinto, p. 76) refuta a asserção de mudanças substanciais da versão portuguesa, baseando-se nas explicitações do próprio cronista real responsável pela publicação.
3. "Prefácio" à Peregrinação da coleção "Clássicos do Estudante", p.2.
4. "Reinventar Fernão Mendes Pinto" in O Labirinto..., p. 283-286.
5. A História Trágico Marítima, surgida das relações de naufrágios, na rota do comércio com o Oriente, organiza-se como uma verdadeira Mil-e-Uma-Noites do terror, ritrada pelo movimento do oceano ao "comer" as naus - a expressão é da época. Sobre problemáticas de sua compilação por Gomes de Brito, cf. Alfredo Margarido, "Une Incursion Sociologique..."
6. Fernão Mendes Pinto desempenhou as seguintes profissões: criado de fidalgo, soldado, escravo, agente de negócios, pirata dos mares da China, mercador, médico ocasional do rei de Bungo e erbaixador. Segundo suas próprias palavras, foi "13 vezes cativo e 17 vendido nas partes da Índia, Etiópia, Arábia Felix, China, Tartária, Massacar, Samatra e outras muitas províncias daquele ocidental arquipélago dos confins da Ásia e que os escritores chins siames, guéos e léquios nomeiam nas suas geografias por Pestana do Mundo". (Peregrinação, cap. 1º)
7. Rebecca Catz, op. cit., p.166, chama a atenção para o baralhamento intencional de datas e números no género de sátira, dando o exemplo de Swift, autor que aproxima de Mendes Pinto.
8. Georges Le Gentil, Les Portugais en Extrême-Orient: Fernão Mendes Pinto un précurseur de l'exotisme au XVIème Siecle. Paris, Hermann, 1947.
9. Gilberto Freire, "Em Torno da 'Peregrinação' de F. Mendes Pinto" in Vida, Forma e Cor, Liv. José Olympio, R.J.,, 1962.

10. apud R. Catz, op. cit., p. 298, nota 95.
11. Rebecca Catz, Fernão Mendes Pinto - Sátira e Anti-Cruzada na Peregrinação, p.10.
12. Maurice Callis, The Grand Peregrination. Londres, Faber and Faber, 1949.
13. R. Catz, A Sátira Social de Fernão Mendes Pinto, p. 93.
14. Fernão Mendes Pinto ou a Sátira Picaresca da Ideologia Senhorial.
15. Mas toda a obra de Gil Vicente aponta com frequência o endurecimento da servidão camponesa com a revolução comercial!
16. Confirma-se Maria de Lourdes Belchior, "Os Descobrimentos Portugueses: Do Império Colonial ao Quinto Império" in Journal de Letras, nº 60, junho/83.
17. apud António Sérgio, "Em torno da 'História Trágico-Marítima'", in Ensaio VIII.
18. Veja-se especialmente Jorge de Sena, "Camões: Novas Observações acerca de sua Epopéia e do seu Pensamento" in Dialecticas Aplicadas da Literatura, p. 445-488.
19. Fiama Hasse Pais Brandão, op. cit. e o mesmo Jorge de Sena, op. cit.
20. A Peregrinação se fecha com uma referência à morte de D. Catarina, que faleceu precisamente quando teve notícia da partida de D. Sebastião para Alcácer Quibir, referência, portanto, ao desastre colonial de Portugal, com a conseqüente perda da soberania política em 1580. Tal desfecho se ajusta, como sabemos, ao final de Os Lusíadas.
21. Vilma Arêas, "Os Lusíadas ou a Navegação Desventurosa", in Revista Camoniana, p. 167-178.
22. Cf. Jorge de Sena, op. cit., p. 475.
23. op. cit.
24. Leite de Vasconcelos, Textos Arcaicos, p.119.
25. "Nota Histórico-Bibliográfica" à História Trágico-Marítima.
26. O episódio é dos mais significativos da Peregrinação, sem dúvida alegórico; a ilha não é identificada geograficamente e bem pode ter sido também "pintada", à

serelhança da ilha do conto IX de Os Lusíadas, só que com sinal trocado (piratas em vez de nobres, conduta infame, saque).

27. O último capítulo da Peregrinação, por exemplo, é um portento de esquivações: nosso herói chega a Lisboa, conversa com a rainha D. Catarina (ao tempo dessa escrita, morta), que o envia à máquina burocrática a receber a paga de seus trabalhos além-mar ("trabalhos" e "pesadumes" repetem-se sem cessar); tudo é inútil e o narrador gasta o pouco que trouxera com requerimentos e petições. É quando resolve recolher-se com "essa miséria" e escrever. Mas a culpa, afirma, depois de minuciosamente descrever os caminhos tortuosos da esfera jurídica do poder, deriva mais da Providência Divina, que sabe de seus pecados, que dos "reis deste reino". Ora, só a leitura atenta do último parágrafo (de 21 linhas) percebe o que lá está escrito: através da desajeitada imagem da "fonte limpa" com seus "canos", diz-nos que os reis não pagam os serviços porque se guiam antes por suas afeições ou gostos pessoais, do que pelo direito ou pela razão.

28. W. Benjamin, "Le Narrateur", in Poesie et Revolution, p. 139-169.

29. Cf. T. Adorno, Teoria Estética.

30. W. Benjamin, op. cit.

31. Machado de Assis, Obra Completa, vol. II, p. 359.

32. Remeto a Machado de Assis (Alfredo Bosi et alii), especialmente à postura de Roberto Schwarz quando a tais noções na ficção machadiana.

33. op. cit., p. 150.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T. Teoria Estética, trad. de Artur Morão. Lisboa, Martins Fontes, 1970.

ANTÓNIO SÉRGIO. Ensaio VIII. Lisboa, Sá da Costa, 1974.

BELCHIOR, Maria de Lourdes. "Os Descobrimientos Portugueses: do Império Colonial ao Quinto Império", in Jornal de Letras, Lisboa, nº 60, jun/83.

BENJAMIN, W. "Le Narrateur" in Poesie et Révolution-2, trad. de Maurice Gandillac, Paris, éd. Denoel, 71.

BORGES, Jorge Luis. Discusión, Buenos-Aires, Erecé ed., 64.

- BRANDÃO, Fiana Hasse Pais. O Labirinto Canoniano e Outros Labirintos. Lisboa, ed. Teorera, 85.
- BRITO, Bernardo Gomes de - compilação de História Trágico-Marítima, Porto, 42.
- CAMÕES, L.V. Os Lusíadas. Ministério de Educação e Cultura, 1972.
- CATZ, Rebecca. A Sátira Social de Fernão Mendes Pinto. Lisboa, Prelo, 1978.
- _____, Fernão Mendes Pinto-Sátira e Anti-Cruzada na Peregrinação. Lisboa, biblioteca breve, Ministério da Educação e Ciência, 81.
- _____, Entrevista a Jornal de Letras, Lisboa, nº 63, jul/agosto 83.
- _____, (com a colaboração de M. Rogers). Cartas de Fernão Mendes Pinto e Outros Documentos. Lisboa, ed. Presença/Bibl. Nac., 83.
- COLLIS, M. The Grand Peregrination. Londres, Faber and Faber, 49.
- FLORES, Alexandre M. et alii. Fernão Mendes Pinto-Subsídios para a sua Bio-Bibliografia. Publicação da Câmara Municipal de Almada, 83.
- FREIRE, Gilberto. Vida, Forma e Cor. Liv. José Olympio, 62.
- LE GENTIL, G. Les Portugais en Extrême. Orient: Fernão Mendes Pinto un Précuseur de L'Exotisme au XVIéme Siècle. Paris, Hermann, 47.
- LAPA, Rodrigues. "Prefácio" a Peregrinação. Lisboa, Sá da Costa, 1979.
- MACHADO DE ASSIS. "O Segredo do Bonzo" in Papeis Avulsos. RJ, Aguilar, 59.
- MARGARIDO, Alfredo. "Une Incursion Sociologique dans le Domaine de la Critique Textuelle a propos de l'Histoire Trágico-Marítima". in Critique Textuelle Portugaise. Paris, F. Calouste Gulbenkian, 86.
- PINTO, Fernão Mendes. Peregrinação. Lisboa, ed. Afrodite, 1971.
- SARAIVA, António José. Fernão Mendes Pinto ou A Sátira Picaresca da Ideologia Senhorial. Lisboa, Jornal do Foro, 1961.
- SCHWARZ, Roberto. in Machado de Assis, Alfredo Bosi et alii. S. Paulo, Ática, 82.
- SENA, Jorge de. Dialécticas Aplicadas da Literatura. Lisboa, ed. 70, 78.
- VASCONCELOS, José Leite. Textos Arcaicos. Porto, liv. Clássica, ed., 70.